

VOL I

Ciências Humanas:

Estudos Para Uma Visão Holística Da Sociedade



Silvia Inés Del Valle Navarro
Gustavo Adolfo Juarez
(Organizadores)

 EDITORA
ARTEMIS
2021

VOL I

Ciências Humanas:

Estudos Para Uma Visão
Holística Da Sociedade



Silvia Inés Del Valle Navarro
Gustavo Adolfo Juarez
(Organizadores)

 EDITORA
ARTEMIS
2021



O conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons Atribuição- Não-Comercial NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Direitos para esta edição cedidos à Editora Artemis pelos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comercial. A responsabilidade pelo conteúdo dos artigos e seus dados, em sua forma, correção e confiabilidade é exclusiva dos autores. A Editora Artemis, em seu compromisso de manter e aperfeiçoar a qualidade e confiabilidade dos trabalhos que publica, conduz a avaliação cega pelos pares de todos manuscritos publicados, com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

Editora Chefe	Prof. ^a Dr. ^a Antonella Carvalho de Oliveira
Editora Executiva	M. ^a Viviane Carvalho Mocellin
Direção de Arte	M. ^a Bruna Bejarano
Diagramação	Elisangela Abreu
Organizadoras	Prof. ^a Dr. ^a Sílvia Inés del Valle Navarro Prof. Dr. Gustavo Adolfo Juarez
Imagem da Capa	Artem Oleshko
Bibliotecário	Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Conselho Editorial

Prof.^a Dr.^a Ada Esther Portero Ricol, *Universidad Tecnológica de La Habana “José Antonio Echeverría”*, Cuba
Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, Universidade Federal de Uberlândia
Prof.^a Dr.^a Amanda Ramalho de Freitas Brito, Universidade Federal da Paraíba
Prof.^a Dr.^a Ana Clara Monteverde, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina
Prof. Dr. Ángel Mujica Sánchez, *Universidad Nacional del Altiplano*, Peru
Prof.^a Dr.^a Angela Ester Mallmann Centenaro, Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof.^a Dr.^a Begoña Blandón González, *Universidad de Sevilla*, Espanha
Prof.^a Dr.^a Carmen Pimentel, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof.^a Dr.^a Catarina Castro, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.^a Dr.^a Cláudia Neves, Universidade Aberta de Portugal
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, Universidade Federal da Grande Dourados
Prof.^a Dr.^a Deuzimar Costa Serra, Universidade Estadual do Maranhão
Prof.^a Dr.^a Eduarda Maria Rocha Teles de Castro Coelho, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal
Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, Universidade de São Paulo
Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima
Prof.^a Dr.^a Elvira Laura Hernández Carballido, *Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo*, México
Prof.^a Dr.^a Emilas Darlene Carmen Lebus, *Universidad Nacional del Nordeste/ Universidad Tecnológica Nacional*, Argentina
Prof.^a Dr.^a Erla Mariela Morales Morgado, *Universidad de Salamanca*, Espanha
Prof. Dr. Ernesto Cristina, *Universidad de la República*, Uruguay
Prof. Dr. Ernesto Ramírez-Briones, *Universidad de Guadalajara*, México
Prof. Dr. Gabriel Díaz Cobos, *Universitat de Barcelona*, Espanha
Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointer Malpass, Universidade Federal do Triângulo Mineiro
Prof.^a Dr.^a Gladys Esther Leoz, *Universidad Nacional de San Luis*, Argentina
Prof.^a Dr.^a Glória Beatriz Álvarez, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina
Prof. Dr. Gonçalo Poeta Fernandes, Instituto Politécnico da Guarda, Portugal
Prof. Dr. Gustavo Adolfo Juarez, *Universidad Nacional de Catamarca*, Argentina
Prof.^a Dr.^a Iara Lúcia Tescarollo Dias, Universidade São Francisco
Prof.^a Dr.^a Isabel del Rosario Chiyon Carrasco, *Universidad de Piura*, Peru
Prof.^a Dr.^a Isabel Yohena, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina
Prof. Dr. Ivan Amaro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Iván Ramon Sánchez Soto, *Universidad del Bío-Bío*, Chile



Prof.ª Dr.ª Ivânia Maria Carneiro Vieira, Universidade Federal do Amazonas
 Prof. Me. Javier Antonio Albornoz, *University of Miami and Miami Dade College, USA*
 Prof. Dr. Jesús Montero Martínez, *Universidad de Castilla - La Mancha, Espanha*
 Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, UniFIMES - Centro Universitário de Mineiros
 Prof. Dr. Juan Carlos Mosquera Feijoo, *Universidad Politécnica de Madrid, Espanha*
 Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, *Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín, Colômbia*
 Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
 Prof. Dr. Leinig Antonio Perazolli, Universidade Estadual Paulista
 Prof.ª Dr.ª Livia do Carmo, Universidade Federal de Goiás
 Prof.ª Dr.ª Luciane Spanhol Bordignon, Universidade de Passo Fundo
 Prof. Dr. Manuel Ramiro Rodriguez, *Universidad Santiago de Compostela, Espanha*
 Prof. Dr. Marcos Augusto de Lima Nobre, Universidade Estadual Paulista
 Prof. Dr. Marcos Vinicius Meiado, Universidade Federal de Sergipe
 Prof.ª Dr.ª Margarida Márcia Fernandes Lima, Universidade Federal de Ouro Preto
 Prof.ª Dr.ª Maria Aparecida José de Oliveira, Universidade Federal da Bahia
 Prof.ª Dr.ª Maria do Céu Caetano, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
 Prof.ª Dr.ª Maria do Socorro Saraiva Pinheiro, Universidade Federal do Maranhão
 Prof.ª Dr.ª Maria Lúcia Pato, Instituto Politécnico de Viseu, Portugal
 Prof.ª Dr.ª Maritza González Moreno, *Universidad Tecnológica de La Habana "José Antonio Echeverría", Cuba*
 Prof.ª Dr.ª Mauriceia Silva de Paula Vieira, Universidade Federal de Lavras
 Prof.ª Dr.ª Odara Horta Boscolo, Universidade Federal Fluminense
 Prof.ª Dr.ª Patrícia Vasconcelos Almeida, Universidade Federal de Lavras
 Prof.ª Dr.ª Paula Arcoverde Cavalcanti, Universidade do Estado da Bahia
 Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, Universidade Federal do Pará
 Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares, Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Sergio Bitencourt Araújo Barros, Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, Universidade Federal de Uberlândia
 Prof.ª Dr.ª Silvia Inés del Valle Navarro, *Universidad Nacional de Catamarca, Argentina*
 Prof.ª Dr.ª Teresa Cardoso, Universidade Aberta de Portugal
 Prof.ª Dr.ª Teresa Monteiro Seixas, Universidade do Porto, Portugal
 Prof. Dr. Turpo Gebera Osbaldo Washington, *Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa, Peru*
 Prof. Dr. Valter Machado da Fonseca, Universidade Federal de Viçosa
 Prof.ª Dr.ª Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande
 Prof.ª Dr.ª Vera Lúcia Vasilévski dos Santos Araújo, Universidade Tecnológica Federal do Paraná
 Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, *Corporación Universitaria Autónoma del Cauca, Colômbia*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C569 Ciências humanas [livro eletrônico] : estudos para uma visão holística da sociedade: vol I / Silvia Inés Del Valle Navarro, Gustavo Adolfo Juarez. – Curitiba, PR: Artemis, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-87396-37-8

DOI 10.37572/EdArt_270621378

1. Ciências humanas. 2. Desenvolvimento humano. 3. Estudos culturais.

I. Del Valle Navarro, Silvia Inés. II. Juarez, Gustavo Adolfo.

CDD 300.7

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422



APRESENTAÇÃO

ESTUDIOS CULTURALES Y DESARROLLO HUMANO

“Só quem pode surgir com o povo é o novo.

E o novo são as crianças.

Com elas, poderão vir as respostas que não encontramos” ...

“...Poxa, até que essa geração mais velha tem algo a oferecer”

Ubiratan D´Ambrosio

São Paulo, 8 de Diciembre de 1932 - 12 de Mayo de 2021

Este libro, titulado **Ciências Humanas: Estudos para uma Visão Holística da Sociedade**, surge mientras transitamos un momento muy particular para nuestra especie humana, en donde se ve amenazada su existencia en forma global. Es por ello, que debe valorarse el esfuerzo de numerosos autores e investigadores que todavía sienten la necesidad y el deseo de entregar sus esfuerzos en la causa de la difusión de resultados de sus trabajos científicos.

Mientras esperamos soluciones, que resguarden al bienestar en la Salud y con ello en la recomposición de la Economía y Educación, por el retraso que esta situación pandémica produce, queda la esperanza de que el replanteo social en las estructuras de las sociedades nos lleven a valorar los resultados que hasta ahora nos ha permitido sobrevivir. Por lo tanto, en esta obra, donde el conjunto de capítulos reflejan la inherente participación en la diversidad de temáticas planteadas, están agrupados trabajos considerados desde el perfil profesional de cada temática asumida por autores de diversos lugares del planeta.

En el Primer Volumen, que tiene como eje temático **ESTUDIOS CULTURALES Y DESARROLLO HUMANO**, se detallan éstos aspectos que se reflejan en las disímiles comunidades que son estudiadas e investigadas por algunos autores en las problemáticas locales mostrando sus inquietudes, tanto a nivel etario, como de sus actividades, o profesiones.

Esperando que estos trabajos sean de gran aporte a los lectores, les deseamos una buena lectura.

SILVIA INÉS DEL VALLE NAVARRO

GUSTAVO ADOLFO JUAREZ

APRESENTAÇÃO

ESTUDOS CULTURAIS E DESENVOLVIMENTO HUMANO

*“Só quem pode surgir com o povo é o novo.
E o novo são as crianças.
Com elas, poderão vir as respostas que não encontramos”...*

“...Poxa, até que essa geração mais velha tem algo a oferecer”

Ubiratan D´Ambrosio
São Paulo, 8 de Diciembre de 1932 - 12 de Mayo de 2021

Este livro, intitulado **Ciências Humanas: Estudos para uma Visão Holística da Sociedade**, surge enquanto vivemos um momento muito particular para nossa espécie humana, onde sua existência está ameaçada globalmente. Por este motivo, deve ser valorizado o esforço de inúmeros autores e investigadores que ainda sentem a necessidade e o desejo de se empenharem na causa da divulgação dos resultados dos seus trabalhos científicos.

Enquanto esperamos por soluções que protejam o bem-estar na Saúde e com ela na recomposição da Economia e da Educação, pelo atraso que esta situação pandêmica produz, espera-se que o repensar social nas estruturas das sociedades nos leve valorizar os resultados que até agora nos permitiram sobreviver. Portanto, nesta coletânea, onde o conjunto de capítulos refletem a participação inerente à diversidade das questões levantadas, se agrupam obras consideradas a partir do perfil profissional de cada disciplina assumida por autores de diversas localidades do o planeta.

No Primeiro Volume, que tem como eixo temático ESTUDOS CULTURAIS E DESENVOLVIMENTO HUMANO, detalham-se esses aspectos que se refletem nas comunidades díspares que são estudadas e investigadas por alguns autores em problemas locais mostrando suas preocupações, tanto em nível de idade, quanto em suas atividades, ou profissões.

Esperando que esses trabalhos sejam de grande contribuição para os leitores, desejamos uma boa leitura.

SILVIA INÉS DEL VALLE NAVARRO
GUSTAVO ADOLFO JUAREZ

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1.....1

A DESINFORMAÇÃO NA HISTÓRIA: AS FAKE NEWS NO CASO DREYFUS E NA ERA DIGITAL

[Denise Paro](#)

DOI 10.37572/EdArt_2706213781

CAPÍTULO 2..... 10

INTELIGENCIA EMOCIONAL RASGO Y PERSONALIDAD

[Èlia López-Cassà](#)

[Núria Pérez-Escoda](#)

[Albert Alegre Rosselló](#)

DOI 10.37572/EdArt_2706213782

CAPÍTULO 3..... 20

REVISIÓN TEÓRICA Y EMPÍRICA DEL ESTUDIO DE LAS FORTALEZAS Y VIRTUDES EN EL CURSO DE VIDA ADULTO

[Franco Morales](#)

[Claudia Josefina Arias](#)

DOI 10.37572/EdArt_2706213783

CAPÍTULO 4.....28

PSICOANÁLISIS CON NIÑOS: JUEGO Y SIGNIFICANTE EN EL RECORRIDO PULSIONAL

[Celeste Ghilioni](#)

DOI 10.37572/EdArt_2706213784

CAPÍTULO 5.....36

IATROGENIA Y NUEVA SOCIALIDAD: UN ESTUDIO DE LOS EFECTOS EN EL DESARROLLO DE LA SENSIBILIDAD SOCIAL DE UN GRUPO DE ADOLESCENTES DESINSTITUCIONALIZADOS

[Clody Genaro Guillén Albán](#)

DOI 10.37572/EdArt_2706213785

CAPÍTULO 6 51

MEASURING THE STRUCTURAL VALIDITY OF TWO NORDOFF-ROBBINS SCALES FOR A PATIENT WITH AUTISM

Aline Moreira Brandão André

Cristiano Mauro Assis Gomes

Cybelle Maria Veiga Loureiro

DOI 10.37572/EdArt_2706213786

CAPÍTULO 7 67

ACTIVIDAD SEXUAL, FRECUENCIA Y SATISFACCIÓN DE HOMBRES Y MUJERES MAYORES

Isabel Piñeiro Aguín

Susana Rodríguez Martínez

Iris Estévez Blanco

Bibiana Regueiro Fernández

Marcia Galina Ullauri Carrión

DOI 10.37572/EdArt_2706213787

CAPÍTULO 8 78

A MULHER ENCARCERADA: UM BREVE CAMINHO HISTÓRICO-SÓCIO-CULTURAL DA MULHER E A SUA VULNERABILIDADE

Sylvio Takayoshi Barbosa Tutya

Maria Elisa de Lacerda Faria

Bianca da Silva Muniz

Thamyres Ribeiro Pereira

DOI 10.37572/EdArt_2706213788

CAPÍTULO 9 93

LIDERAZGO FEMENINO BAJO EL BUEN VIVIR Y LA COSMOVISIÓN ANDINA

Carolina Bown

DOI 10.37572/EdArt_2706213789

CAPÍTULO 10 102

LAS NUEVAS FORMAS LABORALES: SU IMPACTO SUBJETIVO Y EFECTOS EN LA SALUD/SALUD MENTAL

María Flaviana Ponce

DOI 10.37572/EdArt_27062137810

CAPÍTULO 11.....109

COHERENCIA ORGANIZACIONAL: EVIDENCIA EXPERIMENTAL SOBRE EFECTOS DE LOS JUICIOS DE COHERENCIA

[Fernando Toro Álvarez](#)

DOI 10.37572/EdArt_27062137811

CAPÍTULO 12..... 119

A GREVE DE 2012 - UM MOVIMENTO DE RESISTÊNCIA E REAÇÃO CONTRA A APROPRIAÇÃO DO TRABALHO IMATERIAL NA POLÍCIA FEDERAL

[Antônio José Moreira da Silva](#)

DOI 10.37572/EdArt_27062137812

CAPÍTULO 13..... 139

DESIGN E ARTESANATO: PROCESSO DE CRIAÇÃO DE BOLSAS DE CROCHÊ COM REAPROVEITAMENTO DE MATERIAIS

[Zulmira Alves Correia](#)

DOI 10.37572/EdArt_27062137813

CAPÍTULO 14.....144

A ESCOLA MÉDICA DE ANGOLA DE 1791 E A SUA PARTICIPAÇÃO NA HISTÓRIA GLOBAL: DIFUSÃO DE SABERES AFRICANOS (SÉCULOS XVIII E XIX)

[Fernanda Ribeiro Rocha Fagundes](#)

DOI 10.37572/EdArt_27062137814

CAPÍTULO 15..... 157

RELIGIÃO, ENVELHECIMENTO E DOR: INTERMEDIações ENTRE FORMAS CULTURAIS DE REPRESENTAR O SOFRIMENTO E PRÁTICAS CURATIVAS ENTRE PESSOAS IDOSAS NA AMAZÔNIA BRASILEIRA

[Ramiro Esdras Carneiro Batista](#)

[Flávio Pereira Passos](#)

DOI 10.37572/EdArt_27062137815

CAPÍTULO 16..... 170

A RELAÇÃO DE MARIA COM A TRINDADE: SIGNIFICADO PARA AS CULTURAS LATINO AMERICANO E CARIBENHA

[Wilner Charles](#)

DOI 10.37572/EdArt_27062137816

CAPÍTULO 17	183
O PARADOXO DO JORNALISMO NA HISTÓRIA IMEDIATA: ANÁLISE CULTURAL DA EXPERIÊNCIA VIVIDA DE PROFISSIONAIS NO COTIDIANO DE UBERLÂNDIA	
Gerson de Sousa	
DOI 10.37572/EdArt_27062137817	
CAPÍTULO 18	197
ATIVIDADE DE INCENTIVO À LEITURA - QUE TÍTULO VOCÊ DARIA PARA ESSE LIVRO?	
João Vitor Santos de Souza	
Luciana Zago Ethur	
Guilherme Schimitt	
Shirlei Pezzi Fehndrich	
Aparecida Miranda Corrêa	
João Vitor Liscano Gomes	
Danrlei Melo Maciel	
Daniele Felicio Rodrigues	
Carine Borges Batista	
DOI 10.37572/EdArt_27062137818	
CAPÍTULO 19	207
A IDENTIFICAÇÃO DO SUJEITO ATRAVÉS DA ESCRITA	
Daiane Luiza Lopes	
Alexa Fagundes dos Santos	
Carolina Baldissera Gross	
DOI 10.37572/EdArt_27062137819	
SOBRE OS ORGANIZADORES	213
ÍNDICE REMISSIVO	214

CAPÍTULO 17

O PARADOXO DO JORNALISMO NA HISTÓRIA IMEDIATA: ANÁLISE CULTURAL DA EXPERIÊNCIA VIVIDA DE PROFISSIONAIS NO COTIDIANO DE UBERLÂNDIA

Data de submissão: 29/04/2021

Data de aceite: 14/05/2021

Gerson de Sousa¹

Universidade Federal de Uberlândia
Minas Gerais, MG

<http://lattes.cnpq.br/4315543987857344>

RESUMO: Este artigo tem por objetivo analisar a narrativa de jornalistas de Uberlândia a partir da seguinte problemática: a produção do jornalismo pode ter atribuído em sua produção de sentido o status de história? Por meio da abordagem metodológica Análise Cultural pela teoria dos Estudos Culturais Ingleses, a defesa é que o sujeito esteja com consciência de seu destino histórico quando efetiva uma parte do processo comunicativo. Mas as indagações no percurso da narrativa nas respostas dos entrevistados demarcam que ora pela rotina, ora pela distração do novo, o jornalista poucas vezes tem consciência de que, no momento em que escreve o texto, está efetivando uma leitura histórica

¹ Professor do Curso de Jornalismo e do Programa de Mestrado em Tecnologias, Comunicação e Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia FACED-UFU. Atua em pesquisas em Comunicação, Cultura, Memória, Velhice com enfoque nos Estudos Culturais, e-mail: g.sousa1971@hotmail.com.

fundante para o seu tempo. Este artigo é resultado da pesquisa para entender as implicações da Cultura no processo de construção de identidade do jornalista que vivencia o cotidiano de Uberlândia.

PALAVRAS-CHAVE: Historiografia da Mídia. Estudos Culturais. Comunicação. Identidade.Memória.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo analisar a narrativa de jornalistas de Uberlândia a partir da seguinte problemática: a produção do jornalismo pode ter atribuído em sua produção de sentido o status de história? Essa pergunta, simples e complexa, se fez como um dos momentos da entrevista aos profissionais jornalistas de Uberlândia durante a realização da pesquisa “**As implicações da Cultura no processo de construção de identidade do Jornalista: memória de formação teórica e experiência profissional no cotidiano de Uberlândia**”, no qual atuei como coordenador. A pesquisa, com entrevistas realizadas no período de janeiro de 2014 a dezembro de 2016, e finalizada com livro reportagem em abril de 2019, teve financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (Fapemig).

O dilema desta interrogação está articulado ao debate sobre a afirmativa de ser o jornalista como historiador do cotidiano, ou mais precisamente, no jornalista como historiador do tempo imediato. Esse tempo imediato se dissocia da afirmativa do tempo presente e também do tempo contemporâneo, concepções que vem sendo utilizadas no campo da história. Ao indagar o tempo presente, o que se vislumbra é a presença do historiador em seu tema”. O que suscita o debate sobre o recuo histórico para se compreender o fato histórico.

Entretanto, o ponto de indagação aqui está na discussão sobre a História Imediata, na qual articula o trabalho do jornalista. No texto *Questões para a história do tempo Presente*, TETÁRD e CHAUVEAU (1999) faz uma articulação sobre a história imediata que de alguma forma indaga questionamento sobre a produção jornalística.

“A história imediata é a que mais suscita desconfiança, pois é a que parece engendrar o maior paradoxo fazendo rimar dois termos contraditórios: imediato e história. Pode-se falar de uma história do imediato? Esta história é legítima? O fator cronológico não é nem suficiente, nem satisfatório para embasar uma definição de história imediata. Percebe-se a dificuldade quando se quer especificar com precisão o espaço cronológico que cobre o imediato. E caso se faça uma escolha, ela logo parece arbitrária. A noção é obstinadamente fluida: algumas horas? Algumas semanas? Alguns anos? Parece que pode ser tudo isso ao mesmo tempo. (...) Se nos restringirmos a essa visão das coisas, a história imediata não existe.. (...) De fato, o procedimento da história imediata é mais parecido com as técnicas jornalísticas do que com as da ciência histórica” (CHAVEAU, Agnes & TÉTART, Philippe, 1999: p. 16,23, 30)

Há outro embate que precisa ser aqui articulado como apresentado por CRUZ ao problematizar o jornalista como historiador do cotidiano: a relação com o tempo e com a produção da notícia.

Ao se considerar um historiador do instante o jornalista, ao mesmo tempo, empreende uma luta para superar o caráter perecível e transitório das notícias, jocosamente expresso num dito popular: “Jornal da véspera só serve para embrulhar peixe”. Os tempos são outros, não se embrulha mais peixe em jornal do dia anterior, e o próprio futuro do jornal impresso está em debate. A perenidade da notícia, não. Talvez por isso, todo esse esforço de se intitular o repórter como historiador do presente. (CRUZ, Lúcia Santa, 2014, p. 11)

Em meio aos desafios postos aqui de forma reduzida sobre o embate entre considerar o valor da história do tempo imediato em contraponto a história do tempo presente, a pesquisa sobre a identidade do Jornalista procurou discutir com os profissionais de Uberlândia durante a entrevista. Por isso, nesse primeiro momento é preciso aqui definir o conceito de entrevista e de memória na qual se orientou a pesquisa. A proposta é apresentar as respostas sobre esse tema de dois profissionais do jornalismo para ter a compreensão sobre esse dilema a partir da experiência vivida.

A problemática da pergunta como abre deste artigo está diretamente vinculada ao método de Análise Cultural da qual o trabalho se seguiu pela base teórica dos Estudos Culturais. Há três fatores importantes para se entender a análise da narrativa da historicidade do Jornalismo. O primeiro aspecto se refere ao conceito de entrevista. É sintomático, neste processo, entender o que venho tratando como conceito de entrevista. O posicionamento teórico é que a entrevista tem de ser compreendida em sua mais profunda forma de ser o diálogo possível, como defende Cremilda MEDINA (1986).

Como já escrevi em outro artigo, SOUSA (2015) a entrevista é a construção crítica possibilitada na relação entre sujeitos que mergulham na realidade histórica do processo comunicativo por meio do conflito da experiência vivida. A entrevista se estrutura no tempo de concessão de vida em que entrevistado e entrevistador definem como valor para existência em determinado espaço social. Essa relação entre os sujeitos conduz a nova dimensão no movimento do conhecimento sobre determinado aspecto da realidade. Em todos esses movimentos do passado, é a memória que se efetiva no presente como produção de sentido.

O segundo aspecto é sobre a historicidade, na qual a entrevista se seguiu por meio do método dialético. Como os jornalistas compreendem sua produção de sentido como sentido histórico? A pergunta direcionada aos entrevistados, sobre o porquê é possível considerar o jornalismo como histórico, tem o ponto preciso de compreender a distância entre a elaboração conceitual da profissão e a consciência do ato do sujeito em sua realidade.

O paradoxo em que cada entrevistado enfrentou na busca de coerência para si mesmo sobre o seu cotidiano esteve em problematizar: é possível considerar o trabalho jornalístico como história e ao mesmo tempo considerar que o jornalista não tem consciência de que aquilo que ele faz é história? Há outro questionamento: se a rotina de inúmeras matérias a serem produzidas no dia-a-dia leva ao obstáculo de entender a profundidade em sua dimensão histórica, o que realmente edifica a definir que esses textos se fundamentem como história? É possível relegar ao tempo e ao registro da plataforma a consciência histórica que está ausente do sujeito jornalista que a produz em sua experiência vivida? E a que preço se efetiva essa afirmativa, em que o conteúdo do que se efetiva como escrito é substantivo e o escritor é destituído sem se compreender como ser produção social?

O que sustenta essas perguntas está no desafio apresentado por Le GOFF para os historiadores e jornalistas na produção de sentido da história imediata.

“O que espero dos historiadores da difícil história imediata, inclusive dos jornalistas, que, se fizerem bem seu ofício, são verdadeiros historiadores da história imediata, são quatro atitudes: 1. ler o presente, o acontecimento, com uma profundidade histórica suficiente e pertinente; 2. manifestar

quanto a suas fontes o espírito crítico de todos os historiadores segundo os métodos adaptados a suas fontes; 3. não se contentar em descrever e contar, mas esforça-se para explicar; 4. tentar hierarquizar os fatos, distinguir o incidente do fato significativo e importante, fazer do acontecimento aquilo que permitirá aos historiadores do passado reconhecê-lo como outro, mas também integrá-lo numa longa duração e numa problemática na qual todos os historiadores de ontem e de hoje, de outrora e do imediato, se reúnam". (LE GOFF, 1999, p. 101-102)

É por meio desta provocação apresentada pelo embate do historiador francês que iremos percorrer as respostas dos entrevistados sobre a experiência vivida no cotidiano da produção de sentido de ser jornalista. E o tom inicial de todas as perguntas teve por objetivo compreender as possibilidades entre o confronto de rotina e cotidiano da produção jornalística, a primeira atitude apresentada por Le Goff. Em meio ao trabalho jornalístico como é possível ler o presente, o acontecimento, com profundidade histórica suficiente e pertinente? E aqui se refere ao sujeito que produz sentido neste processo comunicativo. Antes de apresentarmos as narrativas das entrevistas, é necessário aqui conceituar a memória.

O texto *Memória e Identidade* (POLLAK, 1992) nos conduz a efetivar a seguinte problemática. Como é possível entender o poder da memória individual, coletiva ou subterrânea do sujeito que narra diante do seu papel como produtor de sentido do cotidiano? Esta é outra pergunta que perpassou as discussões da pesquisa e que se sustenta neste artigo. E de alguma forma nos coloca diante do embate entre a memória e a identidade. Parte-se do seguinte pressuposto: a construção da identidade do sujeito na atuação como jornalista está estruturada na atribuição de valor à experiência vivida materializada na memória. Esta afirmativa está relacionada ao conceito defendido por Michel Pollak ao partir da seguinte problemática: há separação entre memória e identidade? Essa discussão já efetivei em outro artigo SOUSA (2015). Neste momento vale a pena retomar determinados aspectos apresentados por Pollak e que nos possibilitam entender essa relação entre memória e identidade, e em seguida passarmos ao debate sobre história.

A primeira articulação para a resposta a essa provocação teórica segue no diagnóstico do próprio autor ao afirmar que "há algumas designações, atribuídas a determinados períodos, que aludem diretamente a fatos de memória, muito mais do que a acontecimentos ou fatos históricos não trabalhados pela memória". (POLLAK, 1992, p. 201) Eis aqui o contraponto. Pollak nos apresenta que "na maioria das memórias existem marcos ou pontos relativamente invariantes, imutáveis". No entanto, "determinado número de elementos tornam-se realidade, passam a fazer parte da essência da própria pessoa". (POLLAK, 1992, p. 201)

A problemática desta afirmativa está em entender o porquê esses elementos, em uma memória construída socialmente, são tornados como marcos do sujeito e levados a essência

de sua história de vida. Pollak nos indica a perspectiva por meio de outra problemática: Quais são, portanto, os elementos constitutivos da memória, individual ou coletiva? E o autor apresenta três aspectos que possibilita articular com a pesquisa sobre formação do jornalista. O primeiro elemento é entender o sujeito a partir da experiência vivida a partir de três aspectos essenciais: os acontecimentos vividos pessoalmente; os acontecimentos vividos por “tabela” – acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer; e os acontecimentos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou grupo. Para entender esse dilema torna-se necessário analisar como Pollak faz essa relação direta entre Identidade e Memória. Para o autor:

“a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual quanto coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si”. (POLLAK, 1992, p. 203)

Neste momento é preciso recorrer para a segunda instância dos elementos constitutivos da memória apresentada por Pollak: trata-se da memória que é constituída por pessoas, personagens. Seja por personagens encontradas no decorrer da vida; seja por personagens frequentadas por tabela; seja por personagens que não pertenceram necessariamente ao espaço-tempo da pessoa. Os lugares de memória completam o terceiro elemento. Há identificado os lugares particularmente ligados à uma lembrança, que não necessariamente precisa ter apoio cronológico; os públicos, de apoio da memória como de comemoração; e os lugares fora do espaço-tempo da vida de uma pessoa.

2 DOCUMENTO HISTÓRICO

Para este artigo serão selecionados quatro entrevistados cujas respostas identificam os dilemas da historicidade do jornalismo. O primeiro trata do jornalista Fernando Boente. Você considera que seu trabalho é um documento histórico? Ele responde que sim. Primeiro é necessário identificar qual o conceito que o entrevistado se orienta sobre documento histórico.

Na verdade, o documento histórico é qualquer documento que tenha informação e perpassa o tempo. Isso é uma definição de documento histórico. Se eu escrever um bilhete aqui e ele ficar aqui, ele vai ser um documento histórico, pois eu escrevi num ano, perpassou o tempo e ele vai estar lá. Foi o que eu pensei no dia, entendeu? Até coisas não escritas, coisas simbólicas é um artefato histórico. Por definição. Então o jornal, como ele é uma comunicação linguística, está lidando com uma língua, informações ou virtualmente, no papel, não sei, daqui anos vão ser um banco de dados virtuais que nós vamos pesquisar, é o documento histórico, sem dúvida. Por si só ele já é um documento histórico. (Entrevista, Fernando BOENTE, Out. 2015)

O conceito de documento histórico apresentado por Fernando Boente está demarcado pela temporalidade da matéria. O bilhete se torna histórico porque foi escrito no ontem, assim como o jornal Correio de Uberlândia, no qual escreve. Por ser um documento a ser consultado no futuro, ele já se torna documento histórico. Ora então a produção jornalística se efetiva em sua dimensão de história pelo fator de temporalidade ou por se enquadrar neste campo: qualquer documento que tenha informação e perpassa o tempo. E assim ele tem a justificativa plausível para apresentar o Jornal Correio de Uberlândia como documento histórico. E acentua ainda mais esse grau de importância: a empresa Algar que envia exemplares do Jornal Correio de Uberlândia para serem arquivados no Acervo Municipal. Por conter uma informação e estar disponível ao longo do tempo, para consulta, o Jornal Correio de Uberlândia é um documento histórico.

Ao se efetivar como documento histórico torna-se necessário entender se, para além de configurar a informação como técnica, o entrevistado irá colocá-la como elemento de embate no processo comunicativo. Pois, há os dilemas envoltos nesse processo de produção. E o primeiro a ser enfrentado é sobre a ideologia da empresa. Ou mais precisamente no cerne da questão desta pesquisa: qual o tipo de história que está sendo narrada pelo jornalista? Fernando Boente afirma que há, claro, um conflito entre a responsabilidade social de jornalista e as questões da empresa. E pondera: “Mas não existe um meio de comunicação sem interesse”.

A resposta poderia indicar, em primeiro momento, que se trata de uma aceitação sem questionamento. Mas o entrevistado logo precisa que o ponto importante para entender esse interesse de uma empresa não está no fator de ganhar dinheiro. Pelo contrário: o veículo jornal em determinadas situações até deixa de ganhar dinheiro, quando não fecha em vermelho. E o exemplo do Jornal Correio de Uberlândia, que fechou no dia 31 de dezembro de 2016, pode ser listado neste processo de análise econômica. O primeiro elemento é como instrumento de força política.

O veículo de comunicação, o jornal impresso, quando eles são criados por uma empresa privada, ele tem duas intenções e não é ganhar dinheiro, você pode ter certeza que não é ganhar dinheiro, nenhum jornal da dinheiro. The New York Times foi vendido por um grupo mexicano por quê?! Primeiro ele é um instrumento de força política, quando você tem um canal de comunicação, você está falando com as pessoas, quem fala com as pessoas tem o poder de talvez, não estou dizendo que vai manipular, mas tem o poder de mostrar aquilo que você quer. Isso não seria manipular, seria distorcer. Mostrar o que você quer não é mentir, é ignorar alguma coisa e mostrar o que você quer. (Entrevista, Fernando BOENTE, Out. 2015)

Usar o canal de comunicação como instrumento de força política. Em vez de manipular, há a afirmativa do distorcer a informação. E assim temos de voltar ao enfrentamento: que história distorcida está sendo armazenada nos arquivos municipais e

que se tornou documento histórico por trazer a informação e por estar no fator tempo? E com que forças ou conhecimento suficiente será possível desvelar dessa mensagem o que foi ignorado, ou por interesse, deixado de lado? Esse fator nos coloca diante de um estado de conflito: o reconhecimento da distorção da notícia pelo interesse político da empresa está em oposição justamente no item considerado como primordial de Fernando Boente ao responder o porquê de cursar o jornalismo.

No entanto, Fernando Boente apresenta que o veículo de informação adquirido pelo empresário com a finalidade de ser utilizado como poder, como instrumento de força política, necessita do jornalismo. E ao ter de empreender o jornalismo, torna-se fundante outro valor social: a credibilidade. E é assim que a produção jornalística se encarrega de sua responsabilidade social para estabelecer credibilidade ao social.

Então ele existe por isso. Só que quando uma empresa monta isso, pra ele ter esse poder de voz, ele tem que ter credibilidade. E credibilidade você só constrói quando se trabalha de forma que, não estou dizendo que é perfeita, mas que você vai seguir as regras do bom funcionamento do jornalismo, no meio de comunicação. Então ele vai criar um setor de jornalismo que vai ter esse preceito, um princípio. Ele vai ter, nem sempre as limitações são compartilhadas com o setor de jornalismo. (Entrevista, Fernando BOENTE, Out. 2015)

O conflito então se apresenta: o interesse da empresa em contraponto aos princípios definidos pelo jornalismo. Há uma linha tênue que parece interligar esses dois valores para estabelecer o estado de tensão e conflito. Fernando Boente explica que esse processo é explícito em grandes empresas quando tomam posição política. O problema é nas empresas de comunicação do interior, cuja ideologia se faz de forma explícita a partir do jogo de interesses.

Não existe orientação, ele não vai dizer isso na sua cara, ele meio que joga duplo, entendeu? E às vezes parece que está jogando com interesse e às vezes nem dá pra saber. Ai na rotina que a gente tem que fazer as coisas, acaba caindo nisso, querendo agradar a gregos e troianos, mas é um dilema que você vai conviver, não tem jeito. Ou você põe a cara pra fazer ou desiste, arruma outra profissão, porque você vai ter que conviver, a linha é muito tênue, sabe?! Até pra você mesmo, porque fora as questões da empresa, tem o seu posicionamento em cima das coisas também, então você tem que ter um bom discernimento, bom senso, parar e pensar... É complicado, não é fácil não, você vai trabalhar com informação. (Entrevista, Fernando BOENTE, Out. 2015)

A linha tênue que separa o manipular do distorcer, da informação para a comunicação, do aprimoramento técnico para o tecnicismo. Não há uma solução à vista: é preciso enfrentá-la.

3 A REFERÊNCIA DO LEITOR

A segunda entrevistada é Gleide Correa, que no período da entrevista atuava como editora no Jornal Correio de Uberlândia. O principal elemento considerado pela

entrevistada é considerar que o jornalista está sempre em um local privilegiado para narrar. E antes de efetivar a pergunta sobre a historicidade é preciso enfrentar outro dilema: qual a consequência de esta narrativa ser submetida a determinação econômica e ideológica da empresa? A resposta a essas interrogações agora são deslocadas para a análise de Gleide Correa. A construção da pergunta perpassa pelos três fatores importantes. A primeira: o repórter sabe pra quem ele escreve? E ele escreve para o leitor, ele tem essa dimensão do leitor? Segundo fator: Ou escreve às vezes muito mais pro seu ego, pro seu posicionamento? Terceiro fator: Ou ele escreve muito mais pra ideologia da empresa onde ele está?

É claro que o que mais marca é a linha editorial da empresa. Não tem jeito. Por mais que eu queira escrever de uma determinada forma, mas eu vou ter que seguir a linha editorial da empresa, não tem jeito. Então isso, se for pra pesar esses fatores, primeiramente é a linha editorial da empresa. Não tem como fugir dela. Não adianta eu querer fazer uma matéria criticando o governo Dilma se a minha empresa é mais aliada ao governo Dilma, não vai permitir isso. Então esquece, isso não vai acontecer. Então primeiramente eu tenho que seguir a linha editorial da empresa. (Entrevista, Gleide CORREA, Nov. 2015)

A resposta da entrevistada demarca o primeiro sentido hierárquico para a qualificadora objetiva da produção Jornalística. É o momento em que a liberdade subscrita na criatividade do jornalista é posta em confrontação com a estrutura de determinação do Jornalismo. É preciso seguir a linha editorial da empresa. Embora essa afirmativa seja plausível, por se tratar de uma empresa que possui como meta a obtenção de lucros, o fato importante é considerar qual a intensidade atinge e redefine o sujeito jornalista. Pois embora se trate de empresa, o jornalista produz matéria para o público, como se pode perceber pela defesa de Gleide Correa. E assim, surpreende a continuidade da resposta de Gleide Correa. Na ordem hierárquica, ela analisa e problematiza que o público vem depois da ideologia da empresa e do ego do jornalista.

Tirando a linha editorial, muitas vezes o repórter esquece que ele está escrevendo pro leitor. Ele escreve muito mais pra ele, pra seus pares, do que para o leitor. Porque quando você está escrevendo pro leitor, você tem que perguntar “e eu com isso?”, “o que que isso tem a ver? E aí, o que isso vai me interessar?”, né? Se colocar no lugar do leitor pra saber “e aí, o que isso que você está dizendo aqui me interessa?”. Então as vezes ele esquece um pouco disso. Por isso as vezes falta um pouco de aprofundamento, um pouco de apuração, na hora de você ir pra sua matéria, pra sua pauta, pra que você possa entregar mais pro seu leitor, entregar mais algo que interessa a ele e não simplesmente um registozinho do factual. (Entrevista, Gleide CORREA, Nov. 2015)

“Muitas vezes o repórter esquece que ele está escrevendo pro leitor”. Quais as implicações para se pensar o sentido do Jornalismo ao considerar esse esquecimento do leitor? A frase em cima já funda um problema teórico para conceituar o jornalismo. E esse

problema tem duas agravantes que se torna necessário levar em conta na análise. Primeiro, é porque é o momento da narrativa em que Gleide Correa reúne os seus conhecimentos teóricos e instaura um problema justamente na prática, lugar fundante em que defende como lugar da construção crítica do jornalista. Para quem considera que o constante aprendizado se efetiva na prática, considerar o esquecimento do leitor é sintomático.

A segunda agravante é que temos de revisitar o conceito de jornalismo formulado por Gleide Correa para realizar o enfrentamento da frase. O termo gratificante que ela utiliza para demarcar o que é o jornalismo está diretamente vinculada a essa possibilidade de estar em uma profissão que “permite contar as histórias e principalmente a ter um olhar”. Há uma distância entre contar as histórias a partir dos diversos olhares em contraponto ao fazer “simplesmente um registrozinho do factual”. E o sentido desta agravante está justamente em compreender esse estado de enfrentamento entre o cotidiano e a rotina da produção jornalística. Se muitas vezes ele esquece, podemos considerar que há outros momentos em que o jornalista lembra do leitor como referência.

A diferença entre o cotidiano e a rotina da produção jornalística pode ser entendida assim nesta concepção teórica. O jornalista quando estiver naquele momento privilegiado precisa pensar para além de si, da ideologia da empresa, e do simples registro do factual. Ele precisa tomar consciência de que sua responsabilidade social tem de ser materializada em sua projeção e identificação com o público. As perguntas a serem formuladas pelo jornalista, e apresentadas por Gleide Correa, parece, num primeiro momento, soar como da ordem subjetiva do jornalista: “e eu com isso?”, “o que que isso tem a ver? E aí, o que isso vai me interessar?” Mas quando a entrevista se posiciona de que é necessário o jornalista se colocar no lugar do leitor, para se alcançar a profundidade do saber, ela posta no interesse público.

Eis aqui a primeira resultante do enfrentamento do sujeito jornalista em meio a determinação econômica. Mas o segundo problema, para além do esquecimento do público, é que o jornalista só lembra de escrever para si mesmo e para os seus pares. As consequências desse procedimento podem ser sentidas no complemento da frase de Gleide Correa: problemas de apuração, falta de aprofundamento, um registrozinho do factual.

Se as perguntas com interesse do leitor não são formuladas pelo jornalista, é porque ele não está cumprindo com o seu papel de ser jornalista. Ao ser indagada sobre o dia a dia de um jornalista, Gleide Correa defende que para se estar preparado para a profissão é preciso ter alguns procedimentos: ler os principais jornais do dia, preparar e estudar a pauta, entender os dilemas e verificar as angulações e produzir entrevista e texto tendo como referência o leitor. Mas nem sempre este caminho é cumprido. E aqui está a instauração da rotina no jornalismo.

Aí você pode me perguntar “mas isso acontece todos os dias?”. Não, infelizmente a maioria dos profissionais, não sei se por tempo ou porque, eles não fazem muito essa tarefinha de casa de ler, de saber que que está acontecendo, de estudar a pauta dele. Infelizmente isso não acontece, mas era o que devia acontecer. (Entrevista, Gleide CORREA, Nov. 2015)

Infelizmente isso não acontece no dia a dia. Temos aqui um referencial suficiente para caminharmos para o outro debate: o sentido do valor histórico do jornalismo diante deste estado de conflito da determinação econômica e do questionamento da pragmática da atuação do jornalista, na ordem subjetiva. A pergunta chave desta pesquisa então se exterioriza: Você considera que o Jornalismo tem um valor histórico e por quê?

Claro, ele tem valor histórico, porque é por meio do Jornalismo que a gente descobre, que a gente tem o registro de vários acontecimentos importantes que vão ficar aí marcados ou que já marcaram pra sempre. É preciso ter um cuidado de não achar que o Jornalismo é o quarto poder, como muita gente acha. Não. O jornalismo tem a simples função de mostrar os fatos, perseguir a verdade dos fatos a qualquer custo, e mostrar todos os lados. Se a gente for pegar pela história tem muita coisa aí mostrando, até na história atual recente que é contada pelo jornalismo. O jornalismo que vai lá, registra e mostra tudo isso. (Entrevista, Gleide CORREA, Nov. 2015)

Ao elencar o registro do fato como fator importante, a primeira indagação é se há um reducionismo aqui referente ao processo de produção jornalística. O segundo é sobre a distinção entre acontecimentos importantes que ficam marcados no registro do jornal e em seguida se torna história. Mas o mais importante é retornarmos para o estado de tensão e conflito da rotina jornalística e sobre o “muitas vezes” do esquecimento do leitor para indagarmos: será que o repórter tem consciência, no momento em que ele está produzindo a matéria, de que aquilo que ele escreve é histórico? No primeiro momento Gleide Correa retorna com uma afirmativa quase em tom interrogativo. “Ele pelo menos deveria ter essa consciência. É difícil falar assim “ah, todos os jornalistas tem consciência”, não sei.” (Entrevista, Gleide CORREA, Nov. 2015)

Mas o prosseguimento a conduz novamente para o valor da história da mídia para o registro.

A minha impressão é que na maior parte das vezes sim. Que ele tem essa consciência, porque ele sabe que aquilo que ele está escrevendo ali vai ficar registrado pra sempre. Que ali não vai acabar. Não vai acabar. Sempre, se você faz uma coisa, você descobre, tem um furo de reportagem bacana, aquilo ali vai ficar pra sempre, sempre, sempre, sempre, daqui 20, 30 anos, olha “essa história começou com a reportagem de fulano de tal, que descobriu isso e isso e isso”. Então vai ser lembrado. (Entrevista, Gleide CORREA, Nov. 2015)

A demarcação de que ele está escrevendo e ali vai ficar registrado nos obriga a fazer uma análise direta da crítica desferida por Gleide Correa sobre a necessidade de ir além do registrozinho do factual. E em meio ao contexto é preciso questionar se o valor

histórico do jornalismo está enquanto registro ou enquanto construção crítica. O que realmente efetiva o jornalismo enquanto histórico? Seria realmente o fato de que há 10 anos alguém possa tomar o documento? Ou podemos considerar que é o fato de que eu tenho consciência e escrevo uma matéria de certa forma que me leve a uma construção crítica sobre determinado tema?

Diante desse novo dilema, a entrevistada vai para o cerne das mudanças que podem ser provocadas pelo Jornalismo para além do registro.

O jornalismo, por conta de matérias que foram veiculadas, ele provoca mudanças, então ele tem um valor crítico. Ele serviu para uma construção crítica. Ou que não provocou uma mudança, mas que levou a um debate, quando você pega por exemplo uma matéria, sei lá, que virou tema da redação do Enem, por exemplo. Tem um valor crítico grande aí, porque ou ela provocou uma mudança ou, no mínimo, ela suscitou uma discussão. Então pra mim isso é um valor crítico. Claro que tem o registro também, né, porque vai ficar o registro ali, mas eu analiso mais nessa questão desse registro crítico. (Entrevista, Gleide CORREA, Nov. 2015)

O jornalismo tem de ser analisado pelo seu valor crítico para entender esse sentido histórico. E que vai além do registro. Mas é possível identificar que as afirmativas não podem ser simplesmente enunciadas por uma concepção ideal sem que você recorra ao conflito instaurado na rotina do produzir o jornalismo. E com esta complexidade no caminho de respostas, se define um último contraponto para esse sentido histórico. E assim temos de retornar a ideologia da empresa, ou mais ao ego do jornalismo, tendo o público como última referência, para indagar: que tipo de história o jornalismo está narrando? A resposta tem de ser buscada neste contexto de tensão.

Nós muitas vezes... Porque assim, não dá pra você distanciar a linha da empresa. Não dá. Então assim, a gente está contando aquilo que a empresa nos permite contar. Mas mesmo quando falta um pouco de aprofundamento, mas a gente está contando um fato real e sem deturpar. Isso, assim, eu falo claramente do jornal Correio, a gente está contando a história como ela realmente acontece. Né, eu posso as vezes não noticiar um fato? Sim, as vezes eu vou não noticiar, porque a empresa assim quer. Mas eu jamais vou deturpar aquele fato “ah, eu vou contar que aconteceu dessa forma, mas aconteceu de outro jeito”, não... Eu tenho que relatar ele da forma como realmente acontece. (Entrevista, Gleide CORREA, Nov. 2015)

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A resposta descrita de dois, dos 10 jornalistas entrevistados na pesquisa, revela o que se apresenta como essa “difícil história imediata” para historiadores e os jornalistas, como salienta Le GOFF. E esse desafio está posto na primeira atitude: ler o presente, o acontecimento, com uma profundidade histórica suficiente e pertinente. A questão toda

se efetiva neste embate entre a rotina e o cotidiano da produção de sentido jornalístico. E principalmente o fator ideológico, em que determinadas situações o público se perde como referência para outros elementos. A principal problemática está em entender como a exigência de temporalidade imediata, instantânea no Jornalismo pode ser ultrapassada com essa consciência sobre aquilo que se escreve que permite realizar a leitura do presente e do acontecimento.

Ao analisar as entrevistas, por meio da Teoria dos Estudos Culturais, o ponto nodal é a defesa do sujeito. E ao mesmo tempo um contraponto à estrutura. A crítica teórica apresentada aqui é contra esse determinismo econômico, embora se considere a determinação como contexto em que os jornalistas estão inseridos. A discussão sobre a historicidade imediata do jornalismo se efetivou como uma das categorias de análise da pesquisa que resultou na produção do livro reportagem. O objetivo era problematizar esse fator a partir da *praxis* dos sujeitos na produção jornalística. É a partir da sua compreensão de formação teórica e prática na universidade, somado a experiência vivida no mercado de trabalho, que podemos entender a tensão e os conflitos que esses homens e mulheres experienciam enquanto sujeitos.

O resultado revela que todos os jornalistas consideram que o trabalho se efetiva com esse fator de história imediata. Alguns apresentam até como lugar de memória, já que os jornais se tornaram documentos de consultas para as gerações futuras e atualmente ocupam acervos municipais. Outros apresentam que se trata do fato o elemento histórico. Entretanto, o ponto em questão ainda está na dialética do cotidiano do sujeito jornalista. Ao compreender a determinação que o apreende no estado de tensão e conflito o jornalista se vê diante deste quadro. Há espaço e tempo suficientes para que se faça leitura com profundidade histórica do acontecimento para que seja escrito com essa força para o público. Um dos entrevistados, diante do dilema, argumentou em uma linha próxima ao articulado por Paul VEYNE (2014): mas é preciso ter consciência do que se escreve para se efetivar como história? Mais importante do que a resposta imediata é a análise temporal do que se produz sem consciência para compreender qual história está sendo narrada. Esse documento tem potencial para ser uma das fontes quando se analisar não o imediato, mas a história do tempo presente.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. **Entre o Passado e o Futuro**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.

AREND, Sílvia Maria Fávero; MACEDO, Fábio. Sobre a História do tempo presente: entrevista com o historiador Henry Rousso. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 1, n.1, p. 201-216, jan./jun. 2009.

CALDAS, Graça. Mídia e Memória: a construção coletiva da história e o papel do jornalista como historiador do cotidiano. In: BEZZON, Lara Andréa Crivelaro. **Comunicação, política e sociedade**. Campinas (SP): Editora Alínea, 2005.

CALIL, Gilberto. História imediata e marxismo. **Anais do XXIII Simpósio Nacional de História – ANPHU**, Londrina, 2005.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**: artes de fazer. V. 1 e 2. Petrópolis (RJ): Vozes, 1994. e 1997.

_____. **A Cultura no Plural**. Campinas (SP): Papyrus, 1995.

CEVASCO, Maria Elisa. **Para ler Raymond Williams**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

CHAVEAU, Agnes & TÉTART, Philippe. Questões para a história do presente. In: _____. (orgs.). **Questões para a história do presente**. Bauru: EDUSC, 1999.

CRUZ, Lúcia Santa. O repórter como historiador do tempo presente: notas sobre a relação entre jornalismo e memória social. **Anais do 3º Encontro Regional Sudeste de História da Mídia**, Rio de Janeiro, na Escola de Comunicação da UFRJ, abril de 2014.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves; FERREIRA, Marieta de Moraes (ORG.). **História do tempo Presente**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Cartografia dos Estudos Culturais**: uma versão latino-americana. Belo Horizonte: Ed. Autentica.

GENRO FILHO, Adelmo. **O Segredo da Pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre: Tchê, 1987.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.

HALL, Stuart. **Da Diáspora**: Identidades e mediações culturais. Trad. Adelaine La Guardiã Resende ... (et al). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga (org.). **Teorias da Comunicação**: conceitos, escolas e tendências. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

LE GOFF, Jacques. A visão dos outros: um medievalista diante do presente. In: CHAVEAU, Agnès; TÉTART, Philippe (Org.). **Questões para a história do presente**. Bauru, SP: Edusc, 1999. p. 93-102.

MARCILIO, Daniel. O Historiador e o Jornalista: a História imediata entre o ofício historiográfico e a atividade jornalística. **AEDOS**, Porto Alegre, v. 5, n. 12, Jan./Jul., 2013.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos Meios às Mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Trad. Ronald Polito e Sérgio Alcides. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista**: o diálogo possível. São Paulo: Editora Ática, 1986.

MONTEIRO, José Fernando Saroba. Tempo presente: entre os métiers do historiador e do jornalista. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 10, n. 24, p. 510 – 539, abr./jun. 2018.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos Oraís: do indizível ao dizível. In: SIMSON, Olga de Moraes Von (Org.) **Experimentos com histórias de vida**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1988, p. 14-43.

SOUSA, Gerson de. A produção de sentido do sujeito jornalista no processo comunicativo: codificação e decodificação na dialética da consciência histórica. **Anais do XL Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, setembro de 2017.

_____. Os dilemas da construção da identidade de ser jornalista: análise cultural dos conflitos na narrativa da experiência de vida por meio da memória. **Anais do 7º Seminário Brasileiro de Educação e Estudos Culturais e 4º Seminário Internacional Educação e Estudos Culturais**, 2017.

_____. A produção de sentido no processo comunicativo: a construção da entrevista como conflito na memória e identidade do sujeito jornalista. **Anais do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, setembro de 2015.

VEYNE, Paul Marie. **Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história**. Trad. Alda Batar e Maria Auxiliadora Kneipp. 4. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2014.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e Materialismo**. Trad. André Glasser. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

SOBRE OS ORGANIZADORES

SILVIA INÉS DEL VALLE NAVARRO: Profesora y Licenciada en Física, Doctora en Ciencias Física. Directora del Departamento de Física de la Facultad de Ciencias Exactas y Naturales de la Universidad Nacional de Catamarca, Argentina. Editora de la Revista Electrónica “Aportes Científicos en PHYMATH” – Facultad de Ciencias Exacta y Naturales. Profesora Titular Concursada, a cargo de las asignaturas Métodos Matemáticos perteneciente a las carreras de Física, y Física Biológica perteneciente a las carreras de Ciencias Biológicas. Docente Investigadora en Física Aplicada, Biofísica, Socioepistemología y Educación, dirigiendo Proyectos de Investigación de la Secretaría de Ciencia y Tecnología de la Universidad Nacional de Catamarca con publicaciones científicas dentro del área Multidisciplinaria relacionado a fenómenos físicos-biológicos cuyos resultados son analizados a través del desarrollo de Modelos Matemáticos con sus simulaciones dentro de la Dinámica de Sistemas. Participación en disímiles eventos científicos donde se presentan los resultados de las investigaciones. Autora del libro “Agrotóxicos y Aprendizaje: Análisis de los resultados del proceso de aprendizaje mediante un modelo matemático” (2012), España: Editorial Académica Española. Coautora del libro “Ecuaciones en Diferencias con aplicaciones a Modelos en Dinámica de Sistemas” (2005), Catamarca-Argentina: Editorial Sarquís. Miembro de la Comisión Directiva de la Asociación de Profesores de Física de la Argentina (A.P.F.A.) y Secretaria Provincial de dicha Asociación.

GUSTAVO ADOLFO JUAREZ: Profesor y Licenciado en Matemática, Candidato a Doctor en Ciencias Humanas. Profesor Titular Concursado, desempeñándose en las asignaturas Matemática Aplicada y Modelos Matemáticos perteneciente a las carreras de Matemática. Docente Investigador en Matemática Aplicada, Biomatemática, Modelado Matemático, Etnomatemática y Educación, dirigiendo Proyectos de Investigación de la Secretaría de Ciencia y Tecnología de la Universidad Nacional de Catamarca con publicaciones científicas dentro del área Multidisciplinaria relacionado a Educación Matemática desde la Socioepistemología cuyos resultados son analizados a través del desarrollo de Modelos Matemáticos con sus simulaciones dentro de la Dinámica de Sistemas y de la Matemática Discreta. Autor del libro “Ecuaciones en Diferencias con aplicaciones a Modelos en Dinámica de Sistemas” (2005), Catamarca-Argentina: Editorial Sarquís. Coautor del libro “Agrotóxicos y Aprendizaje: Análisis de los resultados del proceso de aprendizaje mediante un modelo matemático” (2012), España: Editorial Académica Española. Desarrollo de Software libre de Ecuaciones en Diferencias, que permite analizar y validar los distintos Modelos Matemáticos referentes a problemas planteados de índole multidisciplinarios. Ex Secretario Provincial de la Unión Matemática Argentina (U.M.A) y se participa en diversos eventos científicos exponiendo los resultados obtenidos en las investigaciones.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Actividad sexual 67, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75

Adultos 10, 13, 19, 21, 24, 25, 27, 28, 35, 40, 75, 199

África 144, 145, 146, 149, 154, 155, 167, 178

Amazônia 157, 158

Antropologia da dor 157

Artesanato 139, 143, 200

ASD 51, 54, 60

B

Buen vivir 22, 93, 94, 95, 96, 98, 99, 100

C

Caso Dreyfus 1, 2, 3, 5, 7, 8, 9

Circulação 144 150, 153, 154

Coherencia organizacional 109

Comunicação 1, 6, 9, 63, 85, 126, 133, 142, 160, 165, 166, 176, 183, 187, 188, 189, 195, 196, 203

Cosmovisión andina 93, 94, 95, 97, 98, 99

Cultura 9, 14, 26, 29, 34, 43, 44, 69, 83, 85, 96, 97, 120, 135, 139, 144, 145, 147, 148, 150, 151, 153, 168, 169, 170, 171, 175, 176, 177, 178, 180, 181, 183, 195, 196

Curas e plantas 144

D

Design 20, 100, 139, 140, 143

Desinstitucionalización 36, 37, 39, 45, 47, 49, 50

E

Economia Solidária 139, 140, 142, 143

Ecuador 36, 68, 70, 71, 76, 93, 94, 95, 96, 97, 99, 100, 101

Envelhecimento e práticas terapêuticas 157

Escrita 200, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212

Estudos Culturais 183, 185, 194, 195, 196

Evento cultural 198

Extensão universitária 198, 199, 206

F

Fake news 1, 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9

Fortalezas del carácter 20, 21, 23, 24

G

Gênero 8, 24, 25, 69, 70, 75, 78, 79, 80, 81, 83, 84, 85, 86, 89, 91, 92, 96, 97, 101, 153, 168, 177, 210

Gerontología 20, 157, 164

H

Historiografia da Mídia 183

Hombres y mujeres mayores 67, 70

I

Identidade 80, 83, 127, 139, 169, 177, 183, 184, 186, 187, 195, 196, 211

Inconsciente 31, 207, 208, 210, 211, 212

Inteligencia emocional 10, 12, 13, 14, 18, 24

J

Juego 21, 22, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35

Juicio de coherencia 109, 110, 113, 116

L

Latino-Americano 62, 170

Latrogenia 37

Liderazgo auténtico 93, 97, 98

M

Maria 51, 78, 91, 102, 156, 161, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 194, 195, 196

Memória 64, 100, 128, 133, 145, 169, 183, 184, 185, 186, 187, 194, 195, 196

Movimento sindical 119, 120, 121, 130, 131

Music therapy 51, 52, 53, 54, 57, 59, 60, 61, 63, 66

N

Niños 28, 30, 31, 33, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 42, 44, 47, 50

Nordoff-Robbins Scales 51

Nueva Socialidad 36, 37, 42, 43, 48, 49

P

Personalidad 10, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 18, 22, 24, 30, 37, 40, 103

PET Agronomia 198, 200, 205

Polícia Federal 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 135, 136, 137, 138

Pós-verdade 1, 2, 5, 6, 7, 8, 9

Práticas sexuais 67, 70, 71, 72, 73, 75

Preocupación social 37, 49, 50

Psicanálise 207, 208, 210, 212

Psicoanálisis 28, 31, 33, 34, 108

Psicología del desarrollo 20, 26

Psicología Positiva 20, 21, 25, 26, 27

Pulsión 28, 32, 34

R

Rasgos de personalidad 10, 11, 12, 15

Reaproveitamento 139, 142

Relação 6, 7, 8, 53, 62, 64, 65, 80, 90, 123, 125, 132, 133, 140, 150, 152, 157, 158, 159, 160, 161, 164, 166, 168, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 180, 181, 184, 185, 186, 187, 195, 198, 202, 205, 210, 211

Representação psíquica 207

S

Saberes 123, 124, 131, 144, 145, 146, 148, 150, 152, 153, 154, 155, 156, 159, 160, 169

Salud/salud mental 102, 103, 107

Satisfacción sexual 67, 69, 70, 72, 74, 75

Saúde mental 78, 87, 88, 91, 143

Sensibilidad Social 36, 37, 38, 41, 48, 50,

Sentido subjetivo 109, 111, 112, 116

Significante 28, 32, 33, 34, 178, 207, 209, 210, 211

Sistema carcerário 78, 86, 87, 89, 90

Structural validity 51, 53, 54, 61, 65

Subjetividad 102, 103, 116, 117, 118, 132, 137, 158

T

Trabajo 11, 20, 23, 25, 27, 28, 30, 32, 34, 67, 70, 75, 93, 99, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 112, 116, 117, 118, 123

Trabalho imaterial 119, 120, 123, 124, 125, 127, 137

Traço unário 207, 208, 209, 211, 212

Trindade 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 180, 181, 182

V

Vejez 20, 21, 25, 26, 69

Violação de direitos 78

Violência contra a mulher 78

Vulnerabilidade 78, 79, 80, 81, 82, 83, 90, 91, 92, 158



**EDITORA
ARTEMIS**